

A SEMANA – 175

John Gledson

Esta crônica parece dominada por um tema central à série inteira: a “globalização”, aqui representada pelos telegramas que vinham nas primeiras páginas dos jornais. As notícias internacionais, cada vez mais variadas e detalhadas, chegavam com rapidez e abundância crescentes. Nesta, como noutras crônicas, levam a uma visão de desastre apocalíptico, bastante comum nos cenários do “fim do século”. Nas palavras da crônica de 23 de dezembro de 1894 (134): “Andará a terra com dores de parto, e alguma coisa vai sair dela, que ninguém espera nem sonha?”

As notícias vêm divididas entre locais (o naufrágio do *Uruguai*, o incêndio da fábrica da Companhia de Luz Esteárica) e internacionais, mas outro assunto, aludido “de passagem” (e no clímax genial da crônica), liga as duas. Quando a notícia dos “autos desaparecidos” (ver nota 3) apareceu, no dia em que Machado escrevia a crônica anterior a esta (sábado, 28 de setembro), parece claro que a “armazenou”, porque dava seguimento inesperado a uma referência bem anterior, de agosto de 1893, e que evocava uma obsessão contínua desta série, o Encilhamento, e uma das suas figuras mais escandalosas, o conde Sebastião de Pinho, o “salteador” aludido.

Como se quisesse dar a si mesmo e ao leitor um descanso no meio destas turbulências, Machado escapa, com a mais tênue das justificações (pelo menos até segunda ordem), para uma lembrança do passado, dos primeiros anos da década de 1860, quando se juntou ao movimento para a renovação do teatro brasileiro, e ao grupo de artistas de vários gêneros que se envolveram nele. Pode ser que haja mais a ser descoberto sobre esta passagem meio estranha, com a citação francesa que dificilmente (?) seria reconhecida pelos seus leitores, mas temos informação suficiente para identificar seu ambiente e significado.

O jornal microfilmado está um pouco gasto ou mutilado ao longo da primeira coluna da crônica. Em geral, combinando-se com a leitura de Aurélio, isto não cria dificuldades. Ao pé da página, porém, falta a maior parte das últimas sete linhas, da

citação espanhola (“Passeava-se el Rey Moro”) em diante até “falam”; a segunda coluna começa por “dela com saudades”.



A SEMANA

6 de outubro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Quem põe o nariz fora da porta, vê que este mundo não vai bem. A Agência Havas¹ é melancólica. Todos os dias enche os jornais, seus assinantes, de uma torrente de notícias que, se não matam, afligem profundamente. Ao pé delas, que vale o naufrágio do pacote alemão *Uruguai*, em Cabo Frio?² Nada. Que vale o incêndio da fábrica da companhia Luz Esteárica? Coisa nenhuma. Não falo do desaparecimento de uns autos célebres,³ peça que está em segunda representação, à espera de terceira,

¹ A Agência Havas foi a primeira agência de imprensa francesa, fundada em 1835, e dominava as notícias telegráficas que encabeçavam as primeiras páginas dos melhores jornais.

² A notícia do naufrágio do *Uruguai* em Cabo Frio, numa viagem de Buenos Aires a Hamburgo, apareceu nos jornais do dia 2 de outubro (*O Paiz*, p. 2, col. 4); os sobreviventes foram resgatados pela canhoneira inglesa *Beagle*, que os trouxe ao Rio de Janeiro. A notícia do incêndio, “de grande intensidade e violência”, na fábrica de velas e produtos graxos em S. Cristóvão, pertencente à Cia. Luz Esteárica, apareceu nos jornais do mesmo dia 2 de outubro (*O Paiz*, p. 1, col. 5).

³ A primeira referência que Machado fez a este assunto está na crônica de 13 de agosto de 1893 (69), onde diz que “Alguma notícia que vi, como o arrombamento de um cartório e o desaparecimento de uns autos, é por ouvi-la contar.” Refere-se, elipticamente, a um dos muitos escândalos decorrentes do Encilhamento, e que envolvia o conde Sebastião de Pinho, banqueiro português (ver ilustração ao final da crônica). Na nota 3 a essa crônica, expliquei: “No dia 7 [de agosto], tinham sido roubados de um cartório os autos que continham o depoimento das testemunhas do sumário de culpa do Conde Sebastião de Pinho e outros, no processo da Empresa Industrial e Colonizadora do Brasil.” O assunto volta à tona, então, mais de dois anos depois, no *Jornal do Commercio* de sábado, 28 de setembro de 1895 (p. 2, col. 3), num item intitulado “Autos desaparecidos”, que passo a citar, e que, com seus detalhes quase cômicos, dá ideia da corrupção de que se tratava: “Em junho de 1892 a Empresa Industrial Colonizadora do Brasil remeteu ao Dr. subprocurador do Distrito Federal os documentos legais indispensáveis para aquela autoridade denunciar, como efetivamente denunciou, o Conde de Sebastião de Pinho por crimes cometidos como incorporador das empresas ‘Terras, Colonização e Norte e Oeste do Brasil’ (*sic*), de cuja fusão resultou a empresa acima declarada. / Com grandes delongas e protelações correu este processo os seus termos legais, sob a fiscalização do juiz, hoje desembargador Miranda Ribeiro, tendo sido o réu duas vezes preventivamente preso e solto por acórdão do Supremo Tribunal Federal, havendo por essas ocasiões agitadíssimas questões na imprensa. / Quando aquele processo-crime, depois de quase dois anos se achava em termos de pronúncia, desapareceram os autos do cartório do escrivão Ferreira Leite. Restaurados eles, depois da suspensão do escrivão por 15 dias, começou a servir no feito o escrivão Cabral Velho, dando-se as mesmas delongas e correndo o processo de juiz em juiz até que, depois de haver agora o Dr. subprocurador do Distrito Federal opinado pela pronúncia de Pinho, desapareceram ontem novamente do cartório de Cabral os autos. / Muitas são as vezes que sobre este escandaloso processo, tão protelado, se tem chamado pela imprensa a atenção do Conselho do Tribunal Civil e

porque não é propriamente um drama, embora haja nela um salteador ou coisa que o valha, como nas de Montépin;⁴ é um daqueles mistérios da Idade Média, ornado de algumas expressões modernas sem realidade, como esta: – *Ce pauvre Auguste! On l'a mis au poste. – Dame, c'est triste, mais c'est juste. – Ce pauvre Auguste!*⁵ Expressão sem realidade, pois ninguém foi nem irá para a cadeia, por uns autos de nada.

Foi o Chico Moniz Barreto, violinista filho de poeta,⁶ que trouxe de Paris aquela espécie de mofina popular, que então corria nas escolas e nos teatros. Lá vão trinta anos! Talvez poucos franceses se lembrem dela; eu, que não sou francês, nem fui a Paris, não a perdi de memória por causa do Chico Moniz Barreto, artista de tanto talento, discípulo de Allard,⁷ um rapaz que era todo arte, brandura e alegria. A graça principal estava na prosódia das mulheres do povo em cuja boca era posto esse trecho de diálogo, – e que o nosso artista baiano limitava⁸ suprimindo os *tt* às palavras: – *Ce*

Criminal. / Este fato está oficialmente conhecido do Presidente do Tribunal Civil e Criminal, pela comunicação que acaba de fazer o escrivão do feito, e esperamos que desta vez se tomem as devidas medidas de repressão, para desagravo da justiça e da moralidade pública.”

⁴ Xavier Henri Aymon Perron, conde de Montépin (1823-1902), foi romancista e dramaturgo dos mais populares do séc. XIX. Escreveu inúmeros romances folhetinescos, muitos deles publicados na *Gazeta* e noutros jornais.

⁵ Não encontramos a fonte desta citação: deve originar de um texto cômico ou satírico (uma mofina é um texto difamatório, geralmente publicado em jornal, embora aqui, parece, figurasse nos teatros e nas escolas...). Significa “– Coitado desse Augusto! Foi para a cadeia! – Bem, é triste mas é justo! – Coitado desse Augusto!” Deduzo o significado da segunda frase em parte do contexto da crônica, e da frase seguinte dela. “Delegacia” é um significado frequente da palavra francesa “poste (de police)”.

⁶ Trata-se de um dos filhos de Francisco Moniz (ou Muniz) Barreto (1804-1868), baiano, e que foi, segundo Sacramento Blake (vol. III, p. 56) “um dos maiores poetas do Brasil, como repentista não me consta que alguém o excedesse.” É mais difícil encontrar informações detalhadas sobre o filho. As mais interessantes, e porventura as mais relevantes, referem-se a 1862, quando este voltou da França. Cito do *Diário do Rio de Janeiro* (jornal em que Machado trabalhava) de 10 de junho (p. 1, col. 3) desse ano. “O Sr. Francisco Muniz Barreto Júnior, violinista, cuja chegada a esta corte já anunciamos, pretende apresentar-se ao público no dia 18 do corrente na cena do Ateneu Brasileiro. / O Sr. Muniz Barreto escolheu para estreia três peças: *Uma fantasia e concerto*, composição do seu professor de Paris, o Sr. Allart (*sic*), dedicado a sua Majestade Fidelíssima; a fantasia *Souvenir de Bellini*, e uma terceira sobre motivos da *Favorita*, composição do mesmo professor. / Essas peças serão executadas nos intervalos da comédia de Émile Augier *Os descarados*, representada pela companhia dramática.” Desta notícia, junto com as pistas dadas pela própria crônica, podemos deduzir que Moniz Barreto fazia parte do grupo de artistas que atuavam em torno do Teatro do Ginásio, e que propagavam o teatro realista francês, sendo Augier um dos seus autores mais traduzidos (a peça mencionada é sem dúvida *Les Effrontés*, de 1861). Jean-Michel Massa, na sua *Juventude de Machado de Assis* (p. 318-319), trata de um sarau literário, organizado em 22 de novembro de 1863, para homenagear a partida de Artur Napoleão, que foi também um “festival” para Machado de Assis. Ele cita as *Memórias* do célebre pianista (e amigo de Machado) em que se diz que na parte musical concorreram Schramm, Muniz (*sic*) Barreto na rabeça (...).” No *Diário do Rio de Janeiro* de 27 de março de 1870 (p. 1, col. 4), o mesmo nome, desta vez Moniz Barreto, aparece junto com o mesmo companheiro Napoleão, e a mesma “rabeça”. Com toda certeza trata-se de Chico, mas foi difícil achar outras informações sobre ele.

⁷ Parece que Machado se refere a Jean-Delphin Alard (1815-1888), violinista e professor de violino de grande reputação, autor de uma *École du violon*.

⁸ Assim na *Gazeta*. Aurélio, talvez porque não entendesse o texto, mudou o verbo para “imitava”, e acrescentou uma vírgula: “imitava, suprimindo (...)”. Creio que “limitava” é a leitura certa: limitava, talvez, justamente, ao suprimir os *tt*. Esta leitura também combina com a falta de vírgula no texto do jornal.

pauvr' Auguss'! On l'a mis au poss'! – Dam' c'est triss' mais c'est juss'! – Ce pauvr' Auguss'! Pobre frase! pobres mulheres! Foram-se como os tais autos e o veto, *le ress'!*

Mas tornemos ao presente e à Agência Havas. São rebeliões sobre rebeliões, Constantinopla e Cuba, matança sobre matanças, China e Armênia.⁹ Os cristãos apanham dos muçulmanos, os muçulmanos apanham de outros religiosos, e todos de todos, até perderem a vida e a alma. Conspirações não têm conta; as bombas de dinamite andam lá por fora, como aqui as balas doces, com a diferença que não as vendem nos bondes, nem os vendedores sujam os passageiros. Os ciclones, vendo os homens ocupados em se destruírem, enchem as bochechas e sopram a alma pela boca fora, metendo navios no fundo do mar, arrasando casas e plantações, matando gente e animais. Tempestades terríveis desencadeiam-se nas costas da Inglaterra e da França e despedaçam navios contra penedos. Um tufão levou anteontem parte da catedral de Metz. A terra treme em vários lugares. Os incêndios devoram habitações na Rússia. As simples febres de Madagascar abrem infinidade de claros nas tropas francesas. Pior é o cólera-morbo; mais rápido que um tiro, tomou de assalto a Moldávia, a Coreia, a Rússia, o Japão e vai matando como as simples guerras.¹⁰

Na Espanha, em Granada, os rios transbordam e arrastam consigo casas e culturas. Granada, ai, Granada, que fazes lembrar o velho romance

Passeavase el Rey Moro
Por la ciudad de Granada...¹¹

⁹ Os telegramas frequentemente trazem notícias de distúrbios em Constantinopla e na Armênia – entre a população armênia (cristã) e os turcos, que culminaram no genocídio de 1915 – e da insurreição em Cuba contra o domínio espanhol, que acabaria na independência da ilha. Na China, a Grã-Bretanha ameaçava mandar sua frota “para obter da China a punição do governador de Se-chueng e de outros mandarins e indígenas cúmplices nos massacres das missões religiosas inglesas.” (*O Paiz*, 29 de setembro, p. 1, col. 4).

¹⁰ Não é possível, nem interessa, identificar “o” telegrama que provocou cada alusão ou comentário, porque os telegramas, tendo a mesma fonte (a Havas), repetem-se, no todo ou em parte, de jornal a jornal. Onde a ligação é, ou parece, direta, cito de um dos jornais, sem excluir a possibilidade de que talvez a notícia tivesse sido haurida noutro. No dia 3, no *Jornal do Commercio*, p. 1, col. 8, noticia-se que uma “terrível tempestade” desencadeara-se no Canal da Mancha, no dia 2. Segundo telegrama do dia 5 (*O Paiz*, p. 1, cols. 3 e 4), a catedral de Metz “ficou com grande porção da parte superior arrancada”; em Majaisk (Rússia) um incêndio destruiu “trinta habitações, entre as quais importantes casas comerciais” (*O Paiz*, 4 de outubro, p. 1, col. 3). Em Madagascar, a invasão francesa para impor um protetorado chegava ao seu fim; a terça parte do exército francês morreu vítima de doenças tropicais, principalmente a malária. Há vários telegramas esta semana a esse respeito. Os surtos de cólera também aparecem em vários lugares: por exemplo em Iași (Moldávia – Jassy, no jornal), na *Gazeta*, dia 5, p. 1; em Kiev e na Volínia (*O Paiz*, dia 30 de setembro, p. 1, col. 3, conforme telegrama de Viena).

¹¹ No original espanhol vem, de costume, “Paseábase el Rey Moro...” Infelizmente, neste caso não dispomos do texto da *Gazeta*, já que o jornal microfilmado estava rasgado, e seguimos a leitura de Aurélio. Em telegrama de Granada, do *Jornal do Commercio* do dia 3, p. 1, col. 3, lê-se: “As tempestades repetem-se nesta província desde oito dias. / A maior parte dos rios transbordaram, inundando grande extensão de terreno e numerosas localidades. / As que têm mais sofrido são: Rinos [?], Güéjar, Alhama, Jayena e Moraleda (...). / Muitos agricultores estão completamente arruinados. / Esta inundação devastou tudo.” Os versos citados são os iniciais do “Romance de la pérdida de Alhama”, anônimo; o último rei mouro da cidade recebe a notícia que implica a perda do último reduto árabe na península em 1492, e lamenta-se no célebre estribilho “Ay de mi Alhama”. Poema popular, muito do gosto romântico, foi traduzido para o inglês por lord Byron.

romance ou balada, que narra o transbordamento do rio cristão, arrancando aos mouros o resto da Espanha. Relede os poetas românticos, que chuparam até o bagaço a laranja mourisca, e falam dela com saudades. Relede o magnífico introito do *Colombo* do nosso Porto Alegre: *Jaz vencida Granada...*¹² Nem reis agora são precisos, pobre Granada, nem poetas te cantam as desgraças; basta a Agência Havas. Os jornais que chegarem dirão as coisas pelo miúdo, com aquele amor da atração¹³ que fazem as boas notícias.

Não é mais feliz a Itália com o banditismo que renasce, à maneira velha, tal qual o cantaram poetas e disseram novelistas.¹⁴ Uns e outros esgotaram a poesia dos costumes; agora é a polícia e o código. Parece que a grande miséria, filha das colheitas perdidas, cresce ao lado do banditismo e do imposto.

Na Hungria dá-se um fenômeno interessante;¹⁵ desordeiros clericais respondem aos tiros das tropas com pedradas e bengaladas, e há mortos de parte a parte, mortos e feridos.¹⁶ É que a fé também inspira as bengalas. Eis aí rebeldes dispostos a vencer; não se lhes há¹⁷ de pedir que desarmem primeiro, se quiserem ser anistiados.¹⁸ Desarmar de quê? A bengala não é sequer um apoio, é um simples adorno de passeio; pouco mais que os suspensórios, apenas úteis. Úteis, digo, sem assumir a responsabilidade da afirmação. Não conheço a história dos suspensórios, sei, quando muito, que César não usava deles, nem Cícero, nem Pôncio Pilatos. Quando eu era criança, toda gente os

¹² Parte do terceiro verso do poema épico *Colombo* (1866), de Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879), que começa assim: “Troam na Ibéria os hinos da vitória / Que Fernando e Isabel do Mouro houveram. / Jaz vencida Granada! A cruz guerreira / Da moderna cruzada resplandece (...)” Machado publicou uma apreciação do poema quando apareceu, na “Semana literária” do *Diário do Rio de Janeiro*, em 5 de junho de 1866. A apreciação foi feita antes da chegada do livro ao Rio de Janeiro, baseava-se apenas na leitura de fragmentos já divulgados em jornais e revistas; tratava-se, na verdade, de um anúncio de que o poema estava a caminho do Brasil, que já havia sido impresso (em Viena – embora Machado tenha dito, na resenha dele, que o livro havia sido impresso em Berlim).

¹³ Na *Gazeta* está, na ortografia da época, “tracção”. Aurélio tem “atração”.

¹⁴ Na *Gazeta* do dia 30 de setembro, p. 2, col. 5, na seção “Cartas de Itália”, noticia-se que, por consequência da instabilidade política, “Há um banditismo mais bem organizado do que o que assolou os campos de Itália em 1860-61, – mais audacioso, mais bem armado... e menos político.” Outros telegramas dizem que “As tempestades e as secas têm-lhes [às colheitas do sul e do nordeste do reino] causado estragos enormes. (...) / A emigração vai aumentando cada dia de uma maneira assustadora.” (*O Paiz*, 4 de outubro, p. 1, col. 3 – telegrama de Roma). Uma parte dessa emigração foi para o Brasil.

¹⁵ Assim na *Gazeta*; Aurélio tem dois-pontos.

¹⁶ Na Hungria, o governo tentava limitar o poder da Igreja, estabelecendo o casamento civil. Segundo telegrama n’*O Paiz*, de 5 de outubro (p. 1, col. 4), grupos de habitantes que percorriam o país, excitados por emissários clericais, “manifestaram-se nas ruas, proferindo gritos de morra aos ministros. / A tropa carregou sobre os manifestantes, mas estes resistiram a pedradas e bengaladas, resultando de parte a parte mortes e ferimentos.”

¹⁷ Assim na *Gazeta*; Aurélio tem “dá”.

¹⁸ Uma referência irônica à grande querela do momento, entre os que apoiavam Prudente de Moraes e queriam uma anistia ampla para os rebeldes federalistas, e os republicanos mais intransigentes, liderados por Francisco Glicério, que insistiam no desarmamento dos rebeldes antes de qualquer acordo – condição impraticável, segundo Ferreira de Araújo na sua coluna “Cousas políticas”, da segunda-feira, 30 de setembro.

trazia; mais tarde, não sei por que razão, elegante ou científica, foram proscritos. Vieram anos, e os suspensórios com eles, diz-se que para acabar com o mal dos coses. Talvez se vão outra vez com o século, e tornem com o centenário da batalha de Waterloo.¹⁹

Assim vai o mundo, meu amigo leitor; o mundo é um par de suspensórios. Comecei dizendo que ele não me parece bem, sem esquecer que tem andado pior, e, para não ir mais longe, há justamente um século.²⁰ Mas a razão do meu receio é a crença que me devora de que o mal estava acabado, a paz sólida, e as próprias tempestades e moléstias não seriam mais que mitos, lendas, histórias para meter medo às crianças. Por isso digo que o mundo não vai bom, e desconfio que há algum plano divino, oculto aos olhos humanos. Talvez a terra esteja grávida. Que animal se move no útero desta imensa bolinha de barro, em que nos despedaçamos uns aos outros? Não sei; pode ser uma grande guerra social, nacional, política ou religiosa, uma deslocação de classes ou de raças, um enxame de ideias novas, uma invasão de bárbaros, uma nova moral, a queda dos suspensórios, o aparecimento dos autos.



¹⁹ Última batalha de Napoleão, ocorrida em 1815. A previsão de volta dos suspensórios era, então, para 1915...

²⁰ É muito provável que o cronista pense na Revolução Francesa, na verdade um processo que durou de 1789 até pelo menos 1795. Nesse ano, já estava extinto o Terror, e morto Robespierre, mas continuavam distúrbios e rebeliões, por exemplo na Vendeia e na Bretanha. Em outubro, começou a ascensão de Napoleão, ao reprimir uma rebelião monarquista em Paris, momento que alguns historiadores identificam como o fim da Revolução.



FONTE: *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, ano 17, n. 525, p. 1, 29 maio 1891.
Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709670&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=3210>>.